

## DEPOIMENTO

### Constantino Comninos\*

Bom dia a todos. Quero agradecer o convite que me foi formulado pelo prof. Igor e gostaria de dizer que, após ouvir as palestras pronunciadas neste auditório nesta manhã, eu me sinto como um malandro freqüentador de algum bar da Lapa, lembrando quando eu morei por uma temporada no Rio de Janeiro, e no meio de intelectuais, ainda que colegas, amigos, contemporâneos de faculdade, dessa nossa querida Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná.

Eu sempre digo que não sou *phd*; eu fugi de ser um *phd*, deixei as oportunidades passarem. Não é hora de me permitir uma *catarsis*, mas, confesso, estou arrependido e por isso, por força das circunstâncias, passei a pertencer a uma outra categoria na área da pós-graduação. Como estou sendo filmado, não posso dizer qual delas, principalmente perante senhoras que aqui se encontram. O que quero dizer é a minha preocupação pelo que ouvi das comunicações sobre o dr. Loureiro, isto é, textos de alta significação metodológica e sustentados por uma linguagem acadêmico-científica, que, desejo esclarecer, não consigo chegar próximo à linguagem dos que me antecederam.

Eu confesso que não preparei nada semelhante; não preparei porque vim aqui pensando encontrar outra maneira de expor as idéias, vale dizer, não vim preparado para o ambiente acadêmico com que me deparei; vim preparado para fazer um depoimento. Eu vou, então, falar com o coração, vou procurar relatar alguns fatos, esparsos, coisas que me recordo, da convivência que tive o prazer de desfrutar com o dr. Loureiro, notadamente, como meu professor, e, algumas vezes, meu confidente de alguns momentos.

Em primeiro lugar, relato aos amigos, que eu morava em Ponta Grossa e vim estudar em Curitiba. Nesses primeiros anos de minha chegada em Curitiba, eu estudava no Internato Colégio Paranaense,

\* Professor de Economia Política da PUCPR e, igualmente da UFPR até 1992, após 30 anos de exercício contínuo. Mestre em Educação e Especialista em Gestão do Conhecimento. Cônsul Honorário da Grécia em Curitiba, com jurisdição para o PR, SC e RS.

onde terminei o curso ginasial. Minha família mudou para a Capital do Estado no início dos anos 1950. Meu pai adquiriu um apartamento na rua José Loureiro, exatamente na frente da casa do dr. Loureiro Fernandes, que era uma casa muito interessante, uma casa curiosa, parecendo uma “casa portuguesa, com certeza”. É uma lástima que o progresso não tenha preservado algumas das residências daquele logradouro. Naquele tempo, Curitiba era uma cidade cheia de repúblicas universitárias, ou, pensões e havia várias na rua José Loureiro. Dr. Loureiro além do mais, era médico da família, e eu o conheci ainda jovem, nos meus 16 anos. Ali, naquela vizinhança, muitas vezes passeando pela rua, eu nunca imaginei que iria ser aluno do dr. Loureiro. Em 1954, tentando o vestibular de Engenharia Civil, não passando, compreendi com o tempo, que não era a minha vocação. Por influência de um colega de colégio, prestei exame vestibular no Curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, que funcionava no prédio da Faculdade Católica de Filosofia, cuja fachada se encontra em um dos quadros de formatura expostos nesta sala. Naqueles anos, era tradição ter quadros de formatura, esculpidos em madeira de lei, e que vinha significar a presença das pessoas que saíam desta casa de ensino superior. A empresa de cosméticos *Lá no Luhn*, localizada na rua XV de Novembro, próxima à Barão do Rio Branco, era o ponto onde esses quadros eram apresentados à sociedade curitibana, onde, também, as debutantes em seus anos *teen* dos clubes, também faziam parte desses destaques sociais.

Entre para faculdade e, obviamente, no terceiro ano, passei a freqüentar as disciplinas da matéria de Antropologia, subdividida em Antropologia Física, Antropologia Cultural e Etnografia. Lembro que iniciamos o Curso de Ciências Sociais em 1954, com 8 alunos. Entre 1956 e 1957, éramos três alunos. Em 1958, eu era o único aluno matriculado no curso. Assistia aulas das disciplinas comuns aos cursos da Faculdade com os colegas de outros cursos. Fui, provavelmente o aluno mais caro do país, naquele ano letivo, para os cofres públicos, com 7 professores catedráticos à minha disposição. Custo elevado, se compararmos o que hoje se propugna em matéria de custo-benefício para o Ensino Superior. Nem vamos comentar sobre o sucateamento da universidade pois, iremos entrar em um campo minado. Entretanto, afirmo meu saudosismo daqueles tempos, da vida acadêmica, dos colóquios, e principalmente, dos cursos de extensão que o dr. Loureiro nos proporcionava.

Entre tantos professores que lecionavam no curso, especificamente na área da Antropologia, além do dr. Loureiro, lembro

do dr. Máximo Pinheiro Lima, de Valderéz de Souza Mueller. Ainda faz parte de minha memória, a descrição sobre os índios Xetá, as Congadas, as Cavalhadas, os Sítios Arqueológicos, Sambaquis, Restauração do Patrimônio, Colégio dos Jesuítas, Fósseis, etc... Tudo isso eram notícias no dia a dia da faculdade e coisas mais “chiques” como ter contato com as obras que relatavam sobre o *Pithecanthropus erectus*, o *Sinanthropus pekinensis*, o Homem de Neandertal e daí à fora. Franz Boas e aquela farsa do Homem de Piltdown, que o dr. Loureiro já antecipava como uma provável farsa. Recentemente, li em uma revista, dessas que se preocupam em divulgar curiosidades científicas, um artigo sobre este assunto.

No terceiro ano, fui convidado para ser monitor da Cadeira de Estatística Geral e Aplicada do Curso de Ciências Sociais. No segundo ano, saímos do edifício da Faculdade Católica e nos permitiram utilizar três andares do prédio do Curso de Economia deste conjunto denominado da Reitoria, haja vista que este prédio, onde hoje nos encontramos, ainda estava em construção. Dr. Loureiro tinha uma salinha, tímida para seus ideais. Vivía exigindo algumas coisas. Quando veio para este edifício, ele dizia: - **“Eu quero o andar inteiro”**. O dr. Homero de Barros, diretor da Faculdade, cedeu-lhe apenas meio andar. E aí começou um dos desentendimentos, porque o dr. Loureiro queria o 6º andar inteiro. Entre tantas controvérsias que o dr. Loureiro fazia transparecer a nós alunos, e gostava de cultivar, era estar sempre na ofensiva. Desejava mais e mais, mais para atender o ensino, nada para si. Não diria que eram questões de ordem “ideológica”. Dr. Loureiro estava acima, pois sempre agiu como um cientista e com conhecimento de causa dos conhecimentos que dominava. Inclusive, nas reuniões da Congregação da Faculdade, do Conselho de Administração, do Instituto de Pesquisas, as polêmicas versavam sobre temas gerais e normalmente, sempre havia debates acalorados acerca do andamento da Faculdade e normalmente, das reivindicações dos 14 cursos integrantes à Faculdade.

Eu me lembro de muitos acontecimentos ocorridos nesta sala. Momentos esses que vivenciávamos todos nós, que vieram significar muito para o bom andamento dos cursos. Neste espaço, nós participamos de muitas polêmicas e assistimos muitas defesas de teses. Esta mesa, por exemplo, não tinha aparelhagem eletrônica que tem agora. Havia uma secretária tomando nota das ocorrências, eventualmente, alguém taquigrafando. As coisas melhoraram bastante desde que muitos de nós, nesta casa, iniciamos nossa trajetória acadêmica.

No início do curso, muitas aulas de Antropologia eram prelecionadas no Círculo de Estudos Bandeirantes, numa sala contígua,

logo na entrada onde hoje se encontra a porta de acesso ao auditório, que leva o nome de Euro Brandão. Naquela sala que mais parecia um corredor, com cadeiras de madeira grudadas umas às outras, incômodas, aprendia-se muito naqueles anos de 1957, 1958 e 1959.

Uma das minhas lembranças, quando o Departamento de Antropologia já se encontrava instalado no 6º andar deste edifício, o dr. Loureiro trouxe o professor Antonio Rubbo Muller, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, para prelecionar um curso de extensão sobre Antropologia Social. Foi a primeira vez que nós tivemos contato com os Elementos Basilares da Organização Humana fundamentados pelo professor Muller e desenvolvidas as idéias em seminário interdisciplinar utilizado naquela escola paulista. Nos animamos bastante com a iniciativa. Dr. Loureiro levou o professor Rubbo Muller para ver o mapa que ele tinha montado em vidro blindex, subdividido em várias partes. Ele disse: - **“Aqui nós vamos colocar todos os grupos étnicos do mundo, para saber onde se encontram e facilitar o entendimento dos estudos antropológicos em uma visão globalizada”**. Deve ter sido outra frustração do dr. Loureiro, porque ele não conseguiu ver seu mapa finalizado.

Depois que eu terminei meu curso nesta casa, 14 anos mais tarde, estive em Paris e sem querer, dei de cara com o Museu do Homem. Fiquei encantado. E aí, eu me lembrei do dr. Loureiro, porque ele falava do Museu do Homem com muito carinho. Um médico que foi à Paris para se especializar em Urologia, especializou-se, mas acabou sendo mais antropólogo do que médico urologista, ainda que ganhasse a vida como médico dessa área do saber. Trouxe para o Paraná a escola mais avançada em urologia do mundo. E instalou o primeiro laboratório na Universidade Federal do Paraná. Prova que tinha sempre idéias avançadas quando se tratava de ciência.

Lembro uma cena relatada pelo dr. Loureiro, ocorrida em uma formatura da Faculdade de Filosofia. Corria na cidade que o dr. Loureiro faria, como paraninfo, um discurso anticlerical e evolucionista, obviamente, naqueles anos, recém chegado à Curitiba, se encontrava à frente da Diocese, dom Manoel da Silveira Delboux. Dava-se significativa importância às refeições de grau, naqueles anos, contando sempre com as mais destacadas autoridades. Estas solenidades faziam parte de um rol de coisas muito sérias, um ritual constante; não tinha apito, não tinha buzina, não tinha nada que desagradasse os dirigentes dessas assembleias universitárias públicas, como vêm se verificando nos dias de hoje. Havia muita seriedade, notadamente, pelo teor dos discursos pronunciados em cada ocasião. Eu já dirigi várias refeições de grau nesses últimos 3 anos como decano na PUCPR, pelo Centro

de Ciências Jurídicas e Sociais, e tive que me controlar para não mandar fechar o pano dos teatros onde essas solenidades se desenvolvem. Explico: sou do tempo antigo em matéria de respeito a gestão das organizações universitárias. Continuando: o dr. Loureiro era o paraninfo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, portanto, pública e via de conseqüência, livre, diferente de sua congênere confessional. Ao chegar ao auditório da Reitoria, encontrou dom Manoel. Aproximou-se do Bispo e dele ouviu: - “Dr. Loureiro eu soube que o prezado professor vai fazer um discurso evolucionista”. Nas entrelinhas do questionamento, o dr. Loureiro entendeu que o discurso atacaria as posições da Igreja. Respondeu: - **“Olha dom Manoel; minhas origens católicas não permitem esse tipo de manifestação, mas o senhor, melhor do que ninguém, pela sua cultura, sabe que o mundo tem evoluído”**. Completando o diálogo com certa opinião que eu não consigo me lembrar qual foi, só lembro que dom Manoel retrucou com estas palavras: - “Então o meu prezado amigo é um estóico?”. - **“Creio, dom Manoel, que se sua afirmativa for verdadeira, eu me encontro em muito boa companhia”**, retrucou o dr. Loureiro. Subiram ao palco e o discurso marcou pela elegância e pela clareza de idéias, recebendo de dom Manoel o elogio merecido. Ainda me lembro de algumas passagens desse discurso, pois, estava fundamentado em muitos dos textos modernos da Antropologia, utilizados pelo dr. Loureiro em nossas aulas.

Por outro lado, também me lembro que certa ocasião, estávamos no 6º andar, esperando pela professora Valderez, que não chegava e não tínhamos a chave para abrir a porta do Departamento. Os telefones eram escassos. Dr. Loureiro desceu até a Secretaria no primeiro andar, fez um telefonema e voltou bufando. Nessa altura dos acontecimentos, a professora Valderez chegou. E o dr. Loureiro, dirigindo-se à professora, disse: - **“Pois é, professora; a senhora já estava me fazendo voltar às minhas origens portuguesas, mas, como me considero um homem educado, não vou dizer em bom português o que o meu pensamento está com vontade de lhe transmitir; eu estava pensando até em um daqueles palavrões bem pesados para externar meu desagrado”**. Ele era desse tipo; tinha atitudes curiosas, não levava desaforo para casa e nunca se negou a responder qualquer pergunta que se lhe formulassem, colocando o seu conhecimento à disposição do interlocutor.

Lembro a primeira vez que eu enfrentei uma sala de aula e que foi na própria sala de aula, perante meus colegas que eu tinha que apresentar um trabalho. O dr. Loureiro geralmente não vinha quando a professora Valderez o substituía. Naquele dia, ele veio, e era exatamente

no dia da minha apresentação. Semanas antes, a professora Valderez me chamou e disse: - “Você que é grego escolha um texto de algum autor clássico; tome a liberdade de sugerir para você a História de Heródoto; localize aí algum texto que trate sobre as muralhas e fale sobre elas, o que representavam, qual o tipo de construção e outras coisas que você localizar e que estejam ligadas à matéria e as relacione; utilize outra bibliografia para enriquecer o texto”. Lá fui eu à cata de Heródoto e suas muralhas. Procurei no livro todo e, como não havia o livro em língua portuguesa, só em espanhol, fiquei mais tonto ainda. Com todas as dificuldades da época e pelas minhas limitações, apresentei o trabalho lá na frente, perante todos os colegas. O dr. Loureiro chegou e sentou em uma das carteiras da sala. E anotava o tempo todo, o que, não sei. Nem tive a coragem de perguntar. No final, o dr. Loureiro fez um comentário e foi embora. - “Você entendeu a mensagem do chefe?”, disse-me a professora Valderez. Acho que não, respondi. - “Então preste a atenção: ele quis dizer e eu reiterei, que você tem jeito para professor”. Não deu outra: estou há 44 anos no magistério. Dois anos depois de formado, o dr. Loureiro indicou-me para um mestrado na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, com bolsa da CAPES. Antes disso, colocou-me, já que eu estava colaborando como monitor de Estatística, junto ao professor Emperaire, para classificar os resíduos fósseis dos sambaquis no Museu Paranaense.

Eu devo ao dr. Loureiro muitas das minhas mais importantes atitudes acadêmicas. Devo a ele o gosto pelas Artes, principalmente pelo folclore. Devo a ele a minha “quase” vocação histórica e, está claro que sou só um curioso da história e não um historiador. Devo a ele a minha curiosidade geográfica que me levou aos caminhos da geopolítica, que é um tema ao qual eu me dedico também como estudioso e que hoje me permite circular com certa desenvoltura nos conceitos da tão apregoada “era da globalização”, cujo termo não aprecio pois me cheira imperialismo ou melhor, neocolonialismo disfarçado. Infelizmente temos que conviver com as terminologias para não nos acusarem de “fora da modernidade”.

O seu incentivo sempre me levou a cumprir certas tarefas intelectuais, aperfeiçoando o gosto no traço dos caminhos das culturas. Estes fatos todos me tem levado à melhor cumprir há mais de dois anos, as funções de Cônsul Honorário da Grécia em Curitiba, com jurisdição para os três estados do sul brasileiro. Muitos acontecimentos que até hoje fazem parte de minha vida, eu lembro com saudades dos ensinamentos do meu professor de Antropologia. Principalmente, porque ele me ensinou a gostar das boas obras; sua maneira de ser,

me ensinou em seu espelho, a não aceitar a injustiça e a polemizar na procura da verdade, de preferência com base científica.

Um dos episódios que criou uma polêmica danada, muitos de vocês devem estar lembrados, foi quando rasgaram umas páginas da *Revista Anhembi*, editada em São Paulo e dirigida por Paulo Duarte, que tratava de um assunto estranho, algo assim como que anticlerical. Não lembro de detalhes, mas, foi uma “pauleira” aqui na universidade. Passávamos nos corredores e só se falava no assunto. Nos Conselhos foi uma “brigaiada” que não teve tamanho. Dr. Loureiro colocava as coisas, ardorosa e polemicamente como era seu estilo de falar. No acontecimento, também tomou parte o padre Jesus Moure. Havia grupos de todas as maneiras diferenciados. Quero dizer com este relato, que a Universidade que nós vivenciamos era uma Universidade de vida acadêmica muito intensa, voltada para uma literatura dos clássicos, os antigos e os modernos. Dr. Loureiro me ensinou que nos clássicos está o início das coisas, - **“Vocês têm que procurar os clássicos, nos clássicos está o início e a base de tudo”**, afirmava ele sempre que a oportunidade aparecia.

Alguns de vocês, a geração que está aqui, ainda têm a oportunidade de chegar em uma livraria, qualquer que seja no Brasil de hoje, e encontrar possivelmente uma centena de livros de Antropologia, outra centena de livros de Economia Política, outras centenas de livros de Sociologia e daí à fora. Quando eu era assistente do dr. Artur no início da carreira, havia quatro livros de introdução à economia política no Brasil, dos quais, dois publicados por franceses e que eram professores da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Paul Hugon, Roger Bastide, Jacques Lambert, enfim, nomes deste naipe, lembro de outros tantos, que faziam parte do nosso cotidiano. Líamos em espanhol, as únicas edições que nos chegavam, como a Espasa Calpe, a Fondo de Cultura Econômica do México, no mais, a literatura era escassa, as pesquisas eram limitadas, nós vivíamos quase que numa província, procurando encontrar eventualmente alguma obra que vinha de fora pela mãos de algum professor. O que vicejava em Curitiba, eram as grandes bibliotecas particulares de professores. Eu segui o exemplo e, ao mudar da minha casa, onde morei 40 anos, para um apartamento, doe 4.000 mil livros. Esse era o exemplo que eu aprendi, conversando com homens como o dr. Loureiro; professores da Universidade Federal do Paraná, alguns magistrados, como as bibliotecas pessoais do professor Hostílio de Araujo, Bento Munhoz da Rocha Neto, Loureiro Fernandes, Manoel Lacerda Pinto e tantos outros. Eram bibliotecas gigantescas contando com 4, 5 e mais milhares livros e revistas. A biblioteca da Faculdade era considerável. Mas, havia



as de cada departamento, com responsável próprio. Na do Departamento de Antropologia, encontrava-se quase tudo o que de melhor tinha sido editado. Quero crer que o dr. Loureiro é que a alimentava. Fui único aluno do desembargador Lacerda Pinto, meu professor de Ciência Política. Consultei o único exemplar da obra de Burdeau em sete volumes, o *Tratado de Ciência Política*, que o desembargador me emprestava, um volume de cada vez. Claro que não li os sete, mas há muitas anotações minhas nesses livros a lápis. Um dia eu perguntei ao seu genro, o professor Piera sobre a coleção e o que ele pretendia fazer com a obra de Burdeau!... Respondeu-me que iria pensar se eu poderia ter a coleção. Ainda não tive resposta. Mas, assim era a nossa casa de estudo.

Com o dr. Loureiro, não era diferente. Manuseei Franz Boas e Alfred Kroeber com regularidade. Naqueles anos, não se falava em Margarete Mead, que tive a oportunidade de conhecer em Delos, Grécia, em um seminário da Sociedade Ekística Internacional. O que ficou daquele tempo, e que podemos dizer, é que tínhamos “quase” aulas particulares, com oportunidade de estar em seminário permanente, livro cá, livro lá, opiniões cá, opiniões lá e, algum toque de política universitária para distrair o tempo. Para facilitar, dado que éramos poucos alunos, juntavam-se as turmas das disciplinas comuns aos cursos. Assim, na Sociologia, Economia Política e quejandos, havia uma mistura de alunos de quase todos os cursos. A matéria era dada em um ano letivo e havia a complementaridade no ano seguinte.

O dr. Loureiro me levou um dia para conhecer o Museu Paranaense. Lá eu encontrei o professor Joseph Emperaire, como relatei há pouco, que faleceu num desmoronamento numa caverna na Patagônia. Foi o primeiro trabalho que eu fiz ligado a resíduos fósseis dos sambaquis, classificando-os estatisticamente. Como eu ajudava voluntariamente a professora Zélia Milleo Pavão na cadeira de Estatística Geral e Aplicada, era monitor, pude realizar o meu primeiro trabalho acadêmico, sob a orientação de um professor do Museu do Homem de Paris. Aprendi muito com o professor Emperaire, pessoa simples e cautelosa. Obrigou-me a ler um artigo em francês sobre o assunto da pesquisa que estava realizando e, neste texto é que me baseei para classificar os resíduos. Dr. Loureiro procurava encontrar as pessoas e ficava ao lado delas o tempo todo. Não sei que horas ele estava no consultório, pois, dedicava-se mais à universidade.

O próprio dr. Loureiro dizia que ele não era um sujeito muito fácil, no entanto, suas idéias eram sempre idéias claras mas de um conteúdo primoroso. A forma dele escrever era uma forma muito direta, honesta. Isso marcou bastante a nossa geração daqueles anos.



Uma outra ocasião, me lembro, que ele estava falando sobre os Xetá, e conversávamos sobre a comida que os pesquisadores produziam no acampamento. Cada participante demonstrava suas habilidades gastronômicas. Ele falou num risoto, confesso que até hoje estou sentindo o gosto desse risoto e não sou capaz de dizer a receita, porque era um risoto tropeiro, produzido no acampamento pra atender às necessidades. Nessa ocasião ele falou sobre um diálogo travado com um dos índios que eles estavam tentando entrevistar, e nos disse: - **“Vocês não sabem a dificuldade que existe para entrar na cabeça de um indivíduo que você não domina o referencial”**. Tanto que ele chamou o Aryon Dall’Igna Rodrigues que escreveu o primeiro dicionário da Língua Xetá, um trabalho maravilhoso, que me fez manter um contato estreito com o Aryon, no Departamento de Antropologia, após o seu retorno da Alemanha, onde permaneceu por cinco anos aprendendo línguas africanas. Eu dizia para ele: - “Que maluquice a sua, embrenhar-se nesta tarefa”. Com o tempo aprendi que ser antropólogo exige uma dose de maluquice organizada. Por esta razão não permaneci com o dr. Loureiro em minhas pesquisas, preferindo o campo da Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

Dr. Loureiro era um homem simples, um homem, como se diz, terra a terra. O sexto andar era uma beleza. Tudo organizado. Gavetas, livros, gabinetes. Dava gosto freqüentar a área. Criei gabinetes de professores, semelhantes aos das universidades de país civilizado. Eu pensava com meus botões: quando é que nós vamos chegar a ter gabinetes individuais?!... Dr. Loureiro sabia o que queria. Ele queria uma Universidade moderna, ativa, com nome de Universidade e avançada, evoluída. Não era só na Faculdade de Filosofia que ele pensava. Ele era um homem do mundo, um homem que dominava línguas, um homem que tinha um conhecimento profundo da realidade social do país e do ser humano.

Finalizando, quero dizer o seguinte: fui saudosista em meu depoimento?!... Provavelmente. Procurei trazer um relato com carinho, pois, minha passagem por esta casa iniciou com a inauguração deste prédio, e a primeira turma que se formou após a nossa mudança para cá. E a primeira turma que teve a oportunidade de ter a colação de grau no Auditório da Reitoria. Éramos dois ou três alunos de matemática, muitos de História e Geografia. Como já disse, na época, eu era o único aluno do Curso de Ciências Sociais na complementação Didática. E tenho muito carinho por esta casa. Estive presente na casa por quatro decênios. E sempre passo por aqui quando o tempo me permite. Passei por fases polêmicas da minha vida, num departamento polêmico

por natureza, também entre grupos, não vou chamar de antagônicos, divergentes sim, com idéias sadias e que lutávamos, cada qual a seu modo, por tudo aquilo que nós herdamos de professores como o professor Loureiro, que nos tratava com muito carinho paternal, não somente como professor. Fazíamos parte de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que um decreto acabou com ela, nos transformando em Instituto, e passamos a ser Setor. O saudosismo me leva a enaltecer a nossa querida Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, formadora de Bacharéis - pesquisadores - e Licenciados - professores para o ensino médio, cuja idéia foi possível de implantação, pela vontade política de homens como o dr. José Loureiro Fernandes. Esta casa deu os primeiros passos para a formação de professores competentes em Geografia, História, Línguas inglesa, francesa, alemã, línguas clássicas como o grego e o latim, Biologia, Matemática, História Natural, Ciências Sociais. De repente, tivemos uma ruptura e me pergunto: será que estamos ainda preparando pessoas que têm a oportunidade que tivemos? Minha percepção me leva a entender que somos os iniciados de um processo e que delegamos ao futuro as linhas de conduta herdada pelos nossos mestres, como o dr. Loureiro, na certeza que ele está ainda entre nós a nos inspirar.

Muito obrigado pela presença, pela atenção. Desculpem-me eu não ter trazido algo científico pra vocês, como os que me antecederam, para falar de um homem que era um mestre da ciência. Enfim... falou mais o coração.

Obrigado pela paciência em me ouvir.